Pensar a crueldade no coração da política

Jean- Bernard Paturet[1]

Resumo:
Se, como mostra a psicanálise, não há evolução do psiquismo humano em que a pulsão de morte participa; se a tentação tirânica habita o cerne do político e do social; se o gozo da tortura e da crueldade aparecem quase sistematicamente em todas as sociedades humanas, então, a reafirmação dos direitos do homem e a organização de tribunais internacionais se tornam cada vez mais necessárias, a um só tempo como « ameaça » para os tiranos e, sobretudo, como "justiça" para a comunidade humana.

Palavras-chave: pulsão de morte; crueldade; direitos do homem; justiça.

Abstract:
If, as shows psychoanalysis, there is no evolution of the human psyche that the death instinct participates; If the tyrannical temptation inhabits the core of the social and political; If the enjoyment of torture and cruelty appears almost systematically in all human societies, then, the reaffirmation of the rights of man and the organization of international courts become increasingly necessary, and at the same time a "threat" for tyrants and, above all, "justice" to the human community.

Keywords: death drive; cruelty; human rights; justice.

À questão filosófica no "mal", poderíamos responder: "Ninguém faz o mal voluntariamente" (PLATÃO. Pois Platão, seguindo seu mestre Sócrates, pensa que o mal tem sua origem na ignorância. Outras tradições e outras culturas puderam imaginar que um personagem externo, como Ahriman na religião persa, ou ainda o Diabo, Satã, Lúcifer, para os judeus e para os cristãos, incarnava o mal, o sofrimento e a morte. Muito mais tarde, Marx encontrará o mal no coração do social, nas relações de dominação do homem pelo homem, na exploração das classes sociais por outras classes, na trilogia aristocracia, burguesia, proletariado. A meta será, então, derrubar as duas primeiras, para impor a "ditadura do proletariado" e sair da dialética da alienação social.

Por mais diversas que elas sejam, estas abordagens projetam para fora do homem a problemática do mal. Ao contrário, Nietzsche e depois Freud situam deliberadamente o mal no coração do homem. Nas três primeiras perspectivas o mal pode ser erradicado, seja pelo conhecimento, seja pela ascese, seja pela política; na última, isto parece impossível, já que o mal está na essência humana e Freud, espantado com a "desilusão causada pela guerra" (FREUD, ([1915] 1998), p. 285), escreverá que nenhum progresso é possível na vida psíquica da humanidade.

[1] Professor da Universidade Paul Valéry. Montpellier, França. Departamento de Psicanálise.

http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-iv/artigos-tematicos/pensar-a-crueldade-no-coracao-dapolitica.pdf

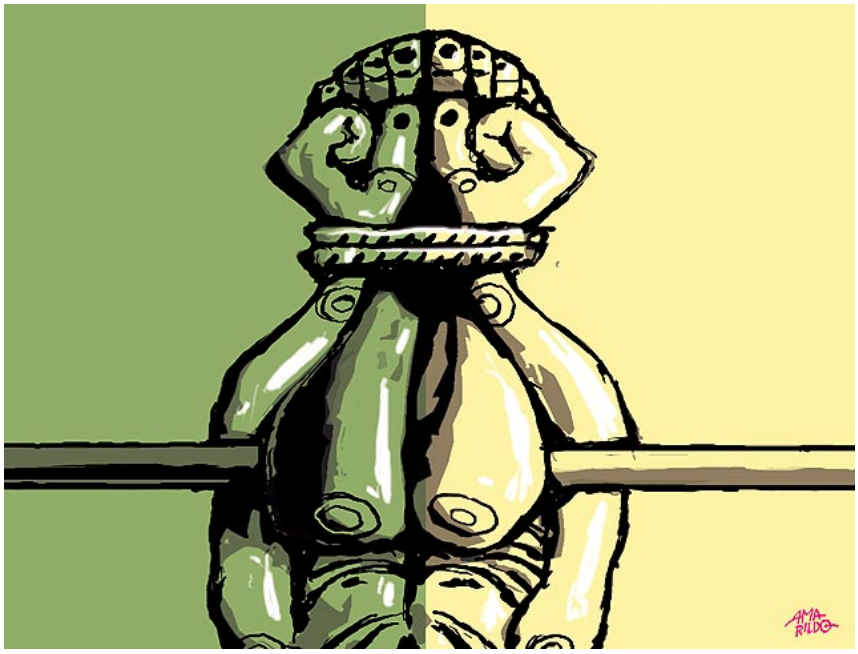

Ilustração do chargista Amarildo.

Dever-se-ia deduzir que o direito, a justiça, as convenções internacionais, os direitos humanos não têm nenhuma utilidade? Certamente que não. Muito pelo contrário, caso se aceite que o psiquismo humano não evolui, que a tentação tirânica se abriga no coração do homem e do social, que o gozo da tortura aparece quase sistematicamente nas sociedades despóticas, que o desejo de purificação étnica ressurge regularmente nos discursos dos *führers* e de outros *duces* como um pretexto para a "exterminação" (PATURET, 2009), que a crueldade se manifesta ainda e sempre em todas as sociedades humanas, então a reafirmação dos direitos humanos e a organização dos tribunais internacionais tornam-se cada vez mais necessários, como ameaça aos tiranos e, sobretudo, como justiça para a comunidade humana.

No entanto, é necessário antes de tudo distinguir alguns conceitos e tentar definir os termos crueldade, violência e agressividade.

1 – Tentativa de definição:

Comecemos pela agressividade. Do latim *ad gredior, gredi, gressum: 1- ir em direção a, aproximar-se, empreender 2-abordar, atacar, empreender,* a agressividade é uma reação vital, uma força, como diz Spinoza, *"para perseverar no ser"*, em latim *"conatus"*, é também uma força frente ao que ameaça a existência, a integridade de uma pessoa ou ainda seu território. Mobiliza energia no combate pela sobrevivência. Comportamento de legítima defesa contra o que faz obstáculo à potência existencial de todo indivíduo, a agressividade, neste sentido, é saudável, por manifestar a vontade de viver e de existir. Observemos, pois, que a agressividade não é necessariamente uma atitude condenável. Para isso, seria conveniente articular tudo o que pode evitar sua força brutal e destruidora.

A palavra "violência" vem do indo-europeu *wi: força vital, vayah, força, is em grego e vis em latim, força brutal, masculina, vir em latim significa o homem que a mulher (mulier) deve aculturar, canalisar e orientar para processos culturais de sublimação.* A violência pode caracterizar a relação de forças entre pessoas, no seio da família, entre grupos ou entre sociedades; pode também manifestar-se contra objetos. A violência designa uma ação que impõe ao outro um sofrimento físico ou psíquico, de forma intencional e contra sua vontade, podendo às vezes levar à morte.

O Conselho da Europa deu, em 1990, a seguinte definição violência intrafamiliar:

> Todo ato ou omissão ocorrido no contexto da família, perpetrado por um de seus membros, que coloque em risco a vida, a integridade corporal ou psíquica, ou a liberdade de outro membro da família, ou que comprometa gravemente o desenvolvimento de sua personalidade ou cause dano à sua segurança financeira.

Existem, portanto, graus de violência que atingem diferentes áreas da vida humana. Podemos ampliar esta definição para os fatos referentes à violência institucional: violência física, violência psíquica, violência financeira, violência por desrespeito aos direitos de cidadania, violências medicamentosas etc.

A violência familiar ou institucional pode acarretar uma volta da violência, vinda da pessoa que a sofre e que se insurge. A violência que retorna é o recurso dos homens oprimidos, que se juntam, levantam-se, revoltam-se, manifestam-se para serem reconhecidos e para exigirem o respeito de seus direitos. A violência situa-se então dos dois lados: do lado do que impede o reconhecimento e do lado do que reage a este "não reconhecimento". Enfim, ela pode acontecer igualmente como reação a uma situação percebida como violenta por pessoas desorientadas, que usam então a violência contra elas mesmas. A crueldade (*krew*, carne crua, *kreas*, carne em grego (*pancréas*) em latim, *cruor*, sangue derramado, *crudus*, sangrento – de onde vem cruel) nos faz chegar a outra relação inter-humana: a da perversão.

Como diz Freud:

> É que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. - Homo homini lupus..." (FREUD, [1920], 1974, p. 133).

A crueldade faz assim passar de relação de força à relação de dominação, de exploração sádica, do homem pelo homem. Está ligada à dimensão da "brincadeira" (1) entre carrascos e vítimas e ao prazer de fazer o mal e de ferir. Poder-se-ia dizer que a violência é "bruta" e que a crueldade é mais "refinada". Mistura inteligência ao ato de tortura, sendo às vezes de uma sutileza capaz de provocar calafrios.

2- A maldade no coração da política.

Os pensadores ocidentais da política colocaram à sua maneira a problemática do mal e a questão da história: sem mal, não há história possível, esta se abre e começa com ele. Assim, aos olhos lúcidos de Maquiavel: "O mundo permanece no mesmo estado em que sempre esteve; existe sempre a mesma quantidade de bem, a mesma quantidade de mal; mas este mal e este bem percorrem os diversos lugares, as diversas regiões"(MAQUIAVEL). É necessário, pois, abandonar a ilusão de uma mudança fundamental do mundo ligada à evolução no tempo, a qual resultaria em diminuição do mal. A variabilidade das formas que assumem o bem e o mal no desenrolar da história demonstra, ao contrário, que "o mundo permanece o mesmo". A partir desse postulado, Maquiavel chega naturalmente à questão da política e da natureza humana:

> Todo aquele que desejar fundar um Estado e dar-lhe leis deverá, antes de tudo, pressupor que todos os homens são maus e sempre prontos a manifestar sua má índole sempre que se lhes oferecer ocasião para isto" (MAQUIAVEL, livro I, 3).

No entanto, para Maquiavel, não se trata de maneira nenhuma de tornar a maldade um atributo da essência humana. Como indica o texto do "Discurso sobre a primeira década de Tito Lívio", ela é uma necessidade *metodológica e política*: os homens não são identificados à sua maldade, mas, na medida em que eles podem tornar-se maus, o Príncipe deve agir como se se tratasse de uma realidade efetiva e permanente. Ao convidar o Príncipe a supor que o homem é

mau, Maquiavel não pretende criar nenhuma nova tese, ao contrário, ele a considera uma ideia compartilhada por "todos os que falam do governo civil" (IBID.).

Hobbes, por sua vez, define a vida política como a instauração de um contrato entre os cidadãos e o Estado. Pensado como renúncia ao direito natural, o contrato visa construir uma barreira de proteção contra "A guerra de todos contra todos", *"Bellum omnium contra omnes"*, própria do estado natural da humanidade. Hobbes edifica sua concepção de Estado sobre a ideia de *direito*. Com efeito, ele propõe que, em seu "início", a humanidade é composta de indivíduos isolados, que se confrontam uns aos outros, numa relação de forças e de insegurança que necessitará da organização do Estado como maneira de dominar as paixões que agitam o coração do homem e lhe provocam vertigem diante dos desejos contraditórios que renascem sem cessar e que impulsionam cada um para "afirmar-se em seu ser", na maior parte das vezes, em detrimento do outro. O desejo, ou, para usar o vocabulário da época, o apetite, é a causa das lutas incessantes entre os homens, já que ao mesmo tempo os une, também os separa. O apetite desmedido dos seres humanos faz do homem o lobo do homem, *homo homini lupus*. O Estado é, pois, um artifício social, construído somente pela arte humana, um terceiro cujo poder é ilimitado e constituído pela soma dos poderes delegados por todos.

O Estado "Leviatã", monstro bíblico, maquinário gigante que produz segurança, suprime as angústias da vida comum e todas as ameaças contra a paz, opõe-se a "Behemot", outro monstro bíblico, imagem da rebelião e da perturbação social que o Estado se esforça sempre em não despertar e em manter sob uma placa de chumbo para que a ataraxia da sociedade possa perdurar. O estado de natureza é descrito por Hobbes de maneira apocalíptica: o estado de "guerra de todos contra todos" desperta em cada ser o receio de uma morte violenta. Ora, em razão da *igualdade natural*, cada um sempre dispõe da capacidade de matar o outro, por força ou esperteza. Os homens têm em comum a capacidade de matar e seu corolário: a possibilidade de ser. *Esta possibilidade de matar é a fonte da igualdade natural dos humanos. A igualdade é a vontade e a possibilidade de prejudicar um ao outro (HOBBES, p.93)*. Assim, o fundamento da ligação e do contrato social terá como base o medo e a desconfiança. Possuídos por esse medo e pela insegurança do futuro, permanentemente no estado de alerta da presa na pré-consciência da predação e da morte, os desejos humanos, dos quais o mais importante é o da dominação, entram em conflito. Ao contrário de Aristóteles para quem a cidade é uma finalidade natural, já que *o homem é por natureza um animal político*, Hobbes afirma que o homem não *"nasceu com disposição natural para a sociedade" (IBID.)*.

Rousseau, por sua vez, constata logo de início, e sem que seja necessária nenhuma prova, a evidência da maldade dos homens. Com base na experiência quotidiana, Rousseau está convicto do mal. Sua causa está na perversão dos impulsos naturais que engendra a guerra de

"todos contra todos". Faz do homem civilizado uma fera cujo desejo de dominação o conduz a tudo "sangrar", até que esteja satisfeita sua vontade de controle. O homem selvagem, ao contrário, "uma vez terminado o jantar, ele está em paz com toda a natureza e é amigo de todas as criaturas".

Nietzsche será ainda mais claro. Na *Genealogia da Moral*, criticava a cultura como processo de domesticação, porque ela mata a vida:

> Supondo que fosse verdadeiro o que agora se crê como "verdade", ou seja, que o sentido de toda cultura é amestrar o animal de rapina "homem", reduzi-lo a um animal manso e civilizado, doméstico, então deveríamos sem dúvida tomar aqueles instintos de reação e ressentimento, com cujo auxílio foram finalmente liquidadas e vencidas as estirpes nobres e os seus ideais, como os autênticos instrumentos de cultura" (NIETSZCHE).

Para Nietzsche, "a história da cultura é redutível à história da crueldade, que aparece como a força elementar que impõe a cada estado de cultura a sua configuração particular. É procedendo à redução genealógica dos comportamentos religiosos e morais que Nietzsche descobre seu status fundador" (WOTLING, 1999, p. 187-88). "A crueldade, como um dos mais antigos e mais inevitáveis subsolos da cultura, veio pela primeira vez à luz" (NIETZSCHE, 1992, p. 140).

3- A cultura como limite para a crueldade

Na perspectiva freudiana, a cultura seria construída sobre a negação permanente da própria origem: a negação do ódio original que nos constitui (2) (REY-FLAUD, 1996, p. 308). Longe de ser, ao longo do tempo, o desenvolvimento de um primeiro ideal (liberdade, conhecimento, consciência etc.), a cultura aparece para o pai da psicanálise como o retorno do recalcado (Ibid.). Seria, por conseguinte, o tempo e o espaço privilegiados para a tentativa de construção de um lugar pacificado (3). O retorno do "mal" na moral civilizada é para Freud um motor essencial: "É interessante verificar" - escreve ele em Reflexões para os tempos de guerra e morte – "que, na primeira infância, a preexistência de fortes impulsos 'maus' constitui muitas vezes a condição para uma inequívoca inclinação no sentido do 'bom' no adulto (...) a maioria dos sentimentalistas, amigos da humanidade e protetores dos animais, evoluíram de pequenos sádicos e atormentadores de animais" (FREUD, p. 291).

Portanto o bem teria sua origem no mal recalcado. Freud tinha captado que o sofrimento do ser social situa-se fundamentalmente na renúncia à satisfação das pulsões imposta pela civilização:

> É impossível, diz Freud, desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação (pela opressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos" (FREUD, ([1930] 1994, p. 285).

Pode-se então entender que a cultura não é esse espaço de coerência, de harmonia e de consenso com o qual parece sonhar o mundo contemporâneo, mergulhado na ilusão e no sintoma da ideologia da comunicação[4]. Difícil, quiçá impossível, pensar que se poderia construir um consenso de tipo habermasiano na forma de uma "ética da comunicação" (4) ou "da discussão" fundada na lógica e na tese da melhor argumentação possível, que seria endossada pelos seres racionais que são os humanos, pois isso seria esquecer as forças pulsionais que nos constituem...

Do ponto de vista freudiano, a cultura tem como função essencial a manutenção do recalcamento, o ocultar do ódio constitutivo da subjetividade humana e assim tornar possível e sustentar a vida social. A cultura encobre o ódio, mas, em troca, ela exige a renúncia a todo

poder e ao "gozo pleno" [omni-jouissance] de cada um, sem a qual nenhuma vida social não seria possível, mas, ao mesmo tempo, a renúncia só será suportável caso a cultura compense através de outras satisfações o sofrimento gerado por esse abandono necessário da possibilidade de ser pleno (pleno poder, pleno gozo). Sem isso, a ameaça e o risco de um "retorno do recalcado" serão cada vez mais iminentes no mundo social.

Se for necessário abandonar a ilusão da religião, que diz oferecer uma compensação aos sacrifícios impostos através de consolos apaziguadores e de uma prostração anestesiante, como mostra Freud em *O Futuro de uma Ilusão*, à educação resta cumprir um papel determinante. Freud, no livro supracitado, escreve que é necessário educar "por conta da realidade", para fazer com que o homem assuma "o peso" da vida, a realidade cruel. Mas qual é essa realidade de que fala Freud?

A educação para a realidade é antes de tudo o confronto com nossa própria morte. De fato, em *Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte*, escreve:

> Em suma: nosso inconsciente é tão inacessível à ideia de nossa própria morte, tão inclinado ao assassinato em relação a estranhos, tão dividido (isto é, ambivalente) para com aqueles que amamos, como era o homem primevo".[2] Mais adiante no mesmo texto, acrescenta: "Não seria melhor dar à morte o lugar na realidade e em nossos pensamentos que lhe é devido e dar um pouco mais de proeminência à atitude inconsciente para com a morte, que, até agora, tão cuidadosamente suprimimos? Isso dificilmente parece um progresso no sentido de uma realização mais elevada, mas, antes, sob certos aspectos, um passo atrás -uma regressão; mas tem a vantagem de levar mais em conta a verdade e de novamente tornar a vida mais tolerável para nós (Ibid.).

Freud mostra, pois, que nossa cultura tenta "remodelar" as pulsões ditas "más" de duas maneiras: de maneira interna, pelo *erotismo e a necessidade de amor* que transformam pulsões egoístas em pulsões sociais. "*Aprendemos*, escreve Freud, *a valorizar o fato de sermos amados como uma vantagem em função da qual estamos dispostos a sacrificar outras vantagens*" (IBID.); e de maneira externa pelas coerções da educação, que, ao longo da vida, tornam-se progressivamente coerções interiorizadas. *"As influências da civilização provocam, por uma mescla de elementos eróticos, uma sempre crescente formação das tendências egoístas em tendências altruístas e sociais"*(FREUD, 1915). A entrada na cultura exige de cada recém-chegado esta renúncia às pulsões. Tal seria a função inaugural da cultura através da interdição do incesto, da interdição do gozo que transforma um organismo animal vivo num corpo humano "civilizado".

Freud vai propor então uma definição mais restrita de cultura – ou de civilização:

> Mais uma vez, portanto, nos contentaremos em dizer que a palavra 'civilização' descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos (FREUD, ([1929] 1988) p. 109).

A cultura repousa no fato inegável de que o ser humano fala, mas também que ela age em primeiro lugar como interdição absoluta ao gozo, como controle da energia transbordante do organismo humano. Renunciar ao gozo, tal seria o imperativo categórico que governa a ordem social. "Por conseguinte", escreve Freud, "a educação deve inibir, proibir e suprimir, e isto ela procurou fazer em todos os períodos da história" (FREUD, ([1933] 1976).

Além disso, não é apenas pelo viés da educação que a cultura é analisada como processo de repressão e de contenção. É também processo de sublimação, pois ela propõe ideais

---

coletivos que transformam o objetivo da pulsão, inaugurando o acesso a satisfações dessexualizadas e socialmente valorizadas.

4 Os desvios da cultura

No entanto, a própria cultura não é uma proteção contra a guerra com seu lote de crueldade, nem contra a exploração do homem pelo homem. Esta é a descoberta fundamental que Freud desvelará em *Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte.* No capítulo primeiro, "A desilusão da Guerra", ele dirá que ela "trouxe à luz um fenômeno quase incrível: as nações civilizadas se conhecem e se compreendem tão pouco, que uma pode voltar-se contra a outro com ódio e asco" (FREUD, ([1915] 1974) p. 288). E prosseguirá:

> Na verdade, uma das grandes nações civilizadas é tão universalmente impopular, que realmente se pode tentar exclui-la da comunidade civilizada como sendo 'bárbara', da comunidade da cultura, embora de há muito tenha provado sua adequação pelas magníficas contribuições que prestou a essa comunidade" (Ibid.).

Freud ainda não havia conhecido o nazismo, a segunda guerra mundial e, somente no fim da vida, conhecerá o horror dos campos de concentração e de extermínio, onde desaparecerão muitos membros de sua família... Eis a grande desilusão: a cultura não protege contra "a barbárie" e , algumas vezes, os homens mais cultos podem se apaixonar por Bach ou Mozart, pela linguagem refinada, pelas descobertas da ciência e, algumas horas depois, participar dos mais selvagens e mais desumanos extermínios com a consciência tranquila do dever cumprido pela pátria.

Ressaltemos que, infelizmente, essas situações se desenvolveram no conjunto dos continentes do mundo e que a crueldade é algumas vezes orquestrada pela própria política que *nega* a função totêmica de inscrição pela nominação numa linhagem social e familiar. O *Totem,* cuja função de nominação os etnólogos mostraram, dá seu nome ao clã e funda assim as inclusões em famílias e clãs, constrói identidades, inscreve cada ser humano numa linhagem e numa genealogia, depois o singulariza nesta história, dando-lhe um primeiro nome e seu caráter de unicidade. O *Totem* estrutura as bases da identidade de todos e de cada um.

Ora, a função do Estado é garantir esta inscrição linguageira, de ser o terceiro que a garante. Mas quando as crianças ficam expostas à morte, o princípio da filiação está sendo atacado. Quando os idosos são sistematicamente executados, o passado como memória está sendo destruído; quando a morte é a única forma de condenar os adultos, homens e mulheres, o presente é atingido e desaparece. A política procura, então, destruir o processo geracional, a filiação e todas as formas de transmissão (5). Nos campos, os prisioneiros perdem o nome, um número de matrícula lhes é atribuído e os inscreve no registro contábil como mero gado (DE GEORGES, 2003, p. 46). As práticas militares selvagens em grande número de guerras, que consistem em introduzir os testículos do adversário morto em sua própria boca são ataques "contra geracionais", porque se prova, assim, que o inimigo não poderá mais procriar. Outros, privilegiando o estupro, fazem seus soldados engravidarem sistematicamente as mulheres do inimigo (*cf.* Guerra da Sérvia) e, através dessas atitudes ignóbeis, traduzem a vontade de impedir a dinâmica da filiação, ou ainda, invertê-la, introduzindo sua própria genealogia no cerne da genealogia do inimigo.

Quando o político "legalmente" instituído se desvia e estende sua onipotência sobre uma nação inteira, libera milhares de homens da *Interdição totêmica*, afasta-se da função do terceiro que garante a nominação e inscreve o crime como processo cultural. A dimensão simbólica do assassinato do pai fica enfraquecida e a interdição que dele decorre é "suspensa" através dos discursos do Estado. Ele desliga o ser humano das duas interdições fundamentais que o constituem como ser social e como ser singular. Os regimes totalitários do século XX

testemunham essa subversão da interdição, substituindo-a pela destruição do outro (judeus, doentes mentais, eslavos, ciganos etc.) e pela erradicação de seu nome e de sua linhagem como fundamento do laço social. Em vez de proscrever o assassinato, o discurso totalitário prescreve sua prática sistemática, organizada e legal.

Conclusão

Diante do que acabamos de escrever, os direitos do homem podem parecer apenas pálidas figuras da impotência frente aos regimes totalitários que continuam a se desenvolver. Mas as revoluções islâmicas (por exemplo), que se manifestam atualmente, puderam ser desencadeadas em nome dos Direitos do homem contra tiranos notórios, eventualmente reconhecidos pelos governos democráticos com os argumentos da "política real" (prova de que a besta imunda, como dizia Thomas Mann, não está morta e que ela ainda fascina...).

Na luta universal jamais terminada contra a barbárie e suas crueldades perversas, os Direitos do homem devem permanecer sempre no lugar de faróis, de bússola e de Apelo à constante vigilância. Pois, como diz Pierre Legendre, jurista e psicanalista, vivemos atualmente nas sociedades pós-hitlerianas em que a "barbárie" adquire formas gentis e o extermínio, configurações científicas lenientes.

Garantia contra os Estados Leviatãs, os Direitos do homem devem controlar incessantemente os sempre possíveis desvios políticos e da própria cultura.

Notas

(1) Pensamos no gato que brinca com sua presa. Mas o gato não é cruel, certamente, pois "não sabe o que faz"!!!

(2) Este ódio nasce com a incapacidade do adulto de reconstituir o narcisismo perdido no momento da infração do nascimento. Segundo Freud, a ambivalência dos sentimentos amor/ódio para com os pais é mostra disso. Da mesma forma que o mandamento "amarás ao próximo como a ti mesmo" evidencia a relação espontânea entre humanos e ódio, já que é necessário m mandamento para obrigá-los (com relutância) a amar.

(3) Ilustram-no as utopias que se apresentam como lugares onde reina uma ataraxia individual e coletiva.

(4) Já criticada por Nietzsche, em particular em *A Gaia Ciência*, quinto livro, §. 354: " a consciência em geral só se desenvolveu sob pressão da necessidade de comunicação (...) o homem eremita e o predador não teriam tido necessidade dela".

(5) No romance de Eric-Emmanuel Schmidt, *L'enfant de Noé* (A criança de Noé), Albin Michel, 2004, uma criança judia é escondida num pensionato católico e cresce junto ao padre Pons. Este último providenciou uma sinagoga secreta com toda uma coleção de objetos de culto, na cripta de sua Igreja. Ele procura salvar a cultura judia para transmiti-la às crianças judias retiradas das garras dos nazistas e permitir-lhes construir sua identidade judia após a guerra.

Tradução: Vera Pollo

Recebido em: 8/10/2011
Aprovado em: 5/5/2012

BIBLIOGRAFIA

DE GEORGES. *Ethique et pulsion*, Ed. Payot Lausanne, 2003.

FREUD, S. (1915). *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 3ª ed., 1988, vol. XIV. No original em francêsa versão francesa do texto original:"Actuelles sur la guerre et la mort", PUF, tomo XIII, 1988.

_____. (1929). *O Mal-Estar na Civilização*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974. No texto original em francês: *Le malaise dans la culture,* 1930, Paris, PUF, tome XVIII, 1988.

_____. (1933[1932]). *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Conf. XXXIV: Explicações, Aplicações e Orientações. Obras Completas. Op. cit., 1976, vol.XXII. No original francês: *Nouvelle suite de leçons d'introduction à la psychanalyse*, PUF, tome XIX, Eclaircissements, applications, orientations, XXXIVième Leçon, p. 233-234.

HOBBES , T. *Do Cidadão* [em francês, Le Citoyen ou le fondement de la politique, p.93]. Paris: Editions Flammarion, 1982.

MAQUIAVEL, N. *Discurso sobre a primeira década de Tito Lívio*, livro II, Prólogo. Macchiavel Oeuvres completes. Paris: Editions Gallimard, coll. La Pléiade, 1952. I, 3, p. 389.

_____. Discurso sobre a primeira década de Tito Lívio, livro I, 3.

NIETZSCHE. *Primeira Dissertação*, §.11. Gallimard Idées 1974.

_____. *Ecce Homo*. Ed. francesa Garnier-Flammarion, 1992.

PATURET, J. B. *Au-delà de Freud, Une culture de l'extermination*. Cerf, 2009.

PLATAO, Timeu, 86c, Protágoras, 345d.

REY-FLAUD, H. *L'éloge du rien*. Paris: Seuil, 1996, p. 308 e cap. 4, « la loi du mal », assim como o epílogo. Michèle Porte, em seu livro *De la cruauté collective et individuelle*. *Singularités de l'élaboration freudienne*. Paris: L'Harmattan, 2002.

WOTLING, P. *Nietzsche et le problème de la culture*, Paris, PUF, 1999.

Recebido em: 7/4/2012
Aprovado em: 6/8/2012